

## MEMÓRIA SUBTERRÂNEA: A SOBREVIVÊNCIA DE UMA OBRA DE ARTE

## UNDERGROUND MEMORY: THE SURVIVAL OF A PIECE OF ART

## MEMORIA SUBTERRÁNEA: LA SUPERVIVENCIA DE UNA OBRA DE ARTE

*Cybelle Salvador Miranda*

**Resumo:** Uma obra de arte emerge no meio do Arquivo como peça-chave para retirar do esquecimento uma teia de relações pessoais e sociais entre sujeitos da sociedade belemense da segunda metade do século passado. O tema — Cristo de duas faces — é a imagem que serve de pretexto para a compreensão das lacunas existentes no homem contemporâneo, do vazio existencial gerado pela perda do sagrado, que, não por acaso, sobrevive na contemporaneidade como elo a reatar a memória como habitada e plena de sentido. O artigo adota a perspectiva qualitativa, imbricando autoetnografia, memória e psicologia ao seguir as trilhas de vidas e obras revisitadas pela vivência do arquivo.

**Palavras-chave:** Memória. Vivência de arquivo. Arte sacra.

**Abstract:** A work of art emerges in the middle of the Archives as a key piece to pull out of oblivion a web of personal and social relationships between subjects of Belem's society of the second half of the last century. The theme – Christ in two faces - is the image that serves as a pretext for understanding the gaps that exist in contemporary man, the existential emptiness generated by the loss of the sacred, which, not by chance, survives in contemporaneity as a link to resume memory as inhabited and full of meaning. The article adopts a qualitative perspective, intermingling autoethnography, memory and psychology when following the trails of lives and works brought to the surface by the experience of the archive.

**Keywords:** Memory. File experience. Religious art.

**Resumen:** Una obra de arte emerge en medio del Archivo como pieza clave para sacar del olvido una trama de relaciones personales y sociales entre sujetos de la sociedad de Belém de la segunda mitad del siglo pasado. El tema -Cristo de dos caras- es la imagen que sirve de pretexto para comprender los desfases existentes en el hombre contemporáneo, el vacío existencial generado por la pérdida de lo sagrado, que, no por casualidad, pervive en la contemporaneidad como nexo de unión con reconectar la memoria como habitada y llena de sentido. El artículo adopta una perspectiva cualitativa, entrelazando autoetnografía, memoria y psicología siguiendo los rastros de vidas y obras que la experiencia del archivo revela.

**Palabras clave:** Memoria. Vida de archivo. Arte religiosa.

## 1. A SOBREVIVÊNCIA DE UMA OBRA

Os acervos podem ser caracterizados como a memória de um indivíduo ou de determinada instituição, os mais comuns se baseiam predominantemente em documentos. O documento, por sua vez, é caracterizado como Patrimônio Cultural, segundo a Constituição Federal (BRASIL, 1988), quando é portador de referências à memória, identidade e ação. Diante disto, pensar nos registros que dizem respeito às questões psiquiátricas adentra em uma memória (quase) subterrânea, principalmente em razão do desconforto social direcionado ao tema da doença mental (POLLAK, 1992).

Os acervos desta temática são importantes para dar destaque não apenas aos portadores de doenças mentais, mas também aos enfermeiros, médicos, terapeutas, profissionais que contribuíram de alguma forma para o desenvolvimento do conhecimento científico hodierno.

Na discussão da memória como eterno presente contra a história como reconstrução do passado, Assmann (2011) define a memória habitada (por ela chamada de memória funcional) como aquela que está vinculada a um portador (grupo, instituição ou indivíduo); estabelece uma ponte entre passado, presente e futuro, atua seletivamente, recordando e esquecendo e intermediando valores que recaem sobre a construção de identidades. Para ela, os acervos podem se enquadrar na categoria da memória inabitada ou cumulativa.

A exemplo do acervo deixado por Nise da Silveira (1905 – 1999), estes proporcionam a continuação dos estudos na área e o aprendizado com experiências passadas. Omim (2019) destaca a importância de se olhar para esses arquivos e coleções não apenas como documentos, mas também como resultados de procedimentos que ordenam e resultam em novos conhecimentos. Conforme refere Trigo (2020, p. 3), “[...] a percepção de arquivo foi se complexificando à medida que o contato com ele ganhava em tempo e intensidade [...]”, do mesmo modo aconteceu conosco.

O objeto em destaque integra o Acervo legado pelo médico psiquiatra Maiolino de Castro Miranda, falecido em 2018, e que constava inicialmente com cerca de 40 mil títulos bibliográficos (em sua maioria doada a Fundação Cultural Tancredo Neves), cerca de 500 discos em vinil, pinacoteca com 200 obras entre telas, gravuras, desenhos e aquarelas, esculturas, e acervo documental referente à sua atuação como psiquiatra e professor universitário organizada em 30 pastas.

O viés de colecionador do médico iniciou ainda na adolescência, e foi adquirindo caráter obsessivo ao longo de sua vida, acumulando altas pilhas de papéis, misturadas a jornais e livros, de modo que recentemente não era mais possível acessar qualquer item por conta da desordem. Os livros abrangem um amplo conjunto de temas, desde a crítica literária, passando pelas ciências humanas (filosofia, sociologia, antropologia, ciência política, economia, psicologia), literatura mundial e Artes plásticas, destacando-se uma rara coleção de livros e revistas sobre Cinema, que totalizou 1.000 exemplares.

O acervo foi adquirido em livrarias e antiquários em Belém, Rio de Janeiro e na Europa, nomeadamente em Portugal e na França. A cultura geral abrangente do psiquiatra incidia com relevo na prática clínica e docente, tendo ainda uma atuação secundária muito reconhecida localmente, a de crítico de cinema, cujas crônicas publicadas em jornais locais puderam ser localizadas no acervo depois da triagem e organização, sendo publicadas em livro<sup>1</sup>.

Após árdua seleção, foi reunido o Acervo composto pelos Documentos profissionais, Acervo bibliográfico de 2.000 títulos, Pinacoteca com cerca de 200 obras e fonoteca com 150 discos. O recorte arquivístico foi proposto pela herdeira, segundo seus próprios interesses, cuidando também para as peças serem preservadas em conjunto com os catálogos de referência, bem como as fontes bibliográficas servissem de pista para elucidar o gosto do colecionador. Algumas gravuras foram também adquiridas nas muitas viagens à Europa, e

demonstram um olhar preciso sobre temas e autores da predileção do colecionador, cujas relações com o universo psicanalítico é possível detectar.

Ao longo dos três anos em que todo o acervo foi transferido para um único local, a imersão no pensamento de Maiolino Miranda pode ser feita por meio da vivência periódica no local do acervo, amparada pela leitura de livros alternados entre historiadores da arte e autores da psicologia, com destaque para Freud e Jung.

Apesar de ser um 'freudiano de carteirinha<sup>2</sup>, detinha relevante acervo sobre Carl Jung, o qual foi ampliado ao longo do tempo pela atual curadora, a qual sentiu necessidade de mergulhar em sua teoria para nela referenciar as obras de arte colecionadas.

Esta narrativa serve de preâmbulo metodológico, de caráter autoetnográfico, na qual busca-se investigar e escrever, a partir da análise da experiência pessoal da pesquisadora, a fim de alcançar a experiência cultural. "Consequentemente, a autoetnografia é uma das perspectivas que reconhece e abre espaço para a subjetividade, emotividade e influência do pesquisador sobre a pesquisa, em vez de esconder essas questões ou assumir que elas não existem" (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2019, p. 20, tradução nossa)<sup>3</sup>.

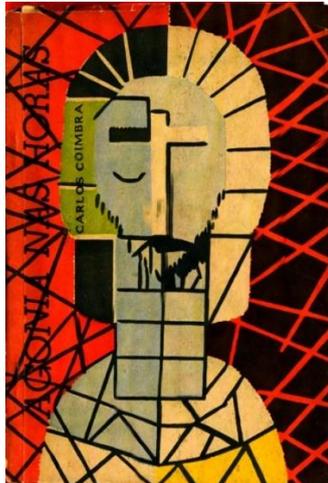
Desse modo, escreve-se retrospectivamente sobre temas que emergem como parte da cultura na qual se inscreve o pesquisador, podendo usar como estratégia a análise de artefatos culturais relevantes, como aquilo que consideramos em nossa cultura ocidental como Arte<sup>4</sup>.

A sobrevivência de uma obra de arte revela muito mais que seu valor estético, mas as conexões entre os sujeitos no tempo/espaço. Assim ocorreu com a obra de tapeçaria de Eduardo Falesi representando o Cristo de duas faces, a qual foi premiada com o 2º lugar na categoria desenho no 2º Salão de Artes Plásticas da Amazônia, promovido pela Universidade do Pará (1964). A obra

foi publicada como capa do livro "Agonia nas Horas", de Carlos Coimbra (1965), edição que reproduz o sermão proferido pelo padre Carlos durante as 3 horas da agonia, na Capela do Colégio Santo Antonio (Figura 1).

O padre, doutor em Teologia pela Faculdade gregoriana de Roma, recebeu de Falesi a dita obra como presente, anos depois a tendo doado, com o livro do sermão, ao arquiteto e artista plástico Roberto de La Rocque Soares, profundamente religioso e participante ativo das ações sociais da igreja católica (Ação Católica). A obra era exposta em lugar de destaque na sala de visitas da residência do Mestre La Rocque, mesmo após seu falecimento, quando passou ao acervo de sua esposa Elza.

**Figura 1 - O Cristo de Eduardo Falesi**



**Fonte: Coimbra, capa (1965).**

A autora deste artigo é filha de Maiolino Miranda, médico psiquiatra e profundo admirador e colecionador de artes, tendo convivido com o Mestre La Rocque desde a infância, tendo por madrinha de Crisma sua esposa, Elza. Maiolino conviveu com ambos, Falesi e La Rocque, na condição de terapeuta, tendo em sua pinacoteca obras significativas da produção dos dois artistas, sendo também amigo íntimo do padre Carlos Coimbra.

Deste circuito de relações, entra em cena a filha que, há cerca de três anos, notou a ausência da obra instigante do Cristo falesiano na sala da madrinha,

e soube que a mesma havia sido tomada por cupins e estava alojada em um depósito da casa. Diante da iminência da perda, pediu que a madrinha a presenteasse, o que foi feito de imediato. Após reparos, a obra hoje ilumina uma das salas onde reside o acervo bibliográfico e a pinacoteca de Maiolino Miranda.

Revela-se na obra os elos afetivos que interligam personagens importantes da história cultural de Belém do Pará, e que neste ensaio se pretende demonstrar. Para a compreensão do significado mais abrangente da obra de arte, destaca-se sua inserção no contexto de um acervo, no qual a memória se constrói e propaga. Segundo Duarte e Uglione (2011):

O arquivo humano é desejante. Esta é a diferença; é um arquivo esburacado (DERRIDA, 2005), é um arquivo 'montado' pelo desejo, pela fantasia. E desejo não é instinto (FREUD, 1920) e, portanto, memória não é guardiã e guia de necessidades práticas da vida (DUARTE; UGLIONE, 2011, p. 148).

Assim se delineia este texto, uma parábola das teias que envolvem os seres humanos em suas relações afetivas e que proporcionam as cartografias culturais onde os supostos acasos são trajetórias predeterminadas pelos interesses em comum e pelos desejos de permanência destes vínculos por meios dos traços e rastros que simbolizam e materializam os desejos em arquivos.

## **2. CARLOS COIMBRA E LA ROCQUE SOARES: O RELIGIOSO E O SECULAR**

Carlos Cardoso da Cunha Coimbra é nascido em Belém do Pará a 6 de dezembro de 1928, tendo se diplomado em Direito no ano de 1951. Após, ingressou no seminário Metropolitano de N. Senhora da Conceição, concluindo os estudos de teologia na pontifícia Universidade de São Paulo, ordenando-se sacerdote em 1958. Partiu para Roma, onde cursou doutoramento em Teologia na Faculdade Gregoriana, cuja tese "A transfiguração do Senhor, nos comentários e na pregação da igreja Patrística", foi aprovada *cum laude*.

Ingressou mais tarde na Faculdade de Filosofia da Universidade do Pará, lecionando História e Filosofia da Educação, mantendo sua atividade de religioso até os anos 70 do século XX, quando abdicou o sacerdócio para adotar a vida secular, casando-se com a namorada de juventude, Dasy. Viveram extensas temporadas no Rio de Janeiro, e no ano de 1976 defendeu dissertação de Mestrado em Filosofia junto a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro<sup>5</sup>.

A Brinquedoteca pedagógica da Universidade do Estado do Pará (UEPA) leva seu nome, em homenagem a sua atuação como professor, Superintendente, Diretor de Centro e Chefe de Departamento. Foi coordenador do Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento (PLADES) entre 1979 e 1980 no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA UFPA), onde exerceu a docência.<sup>6</sup> Falecido em 17 de fevereiro de 2015, Lucio Flavio Pinto relata sua trajetória profissional e lamenta a falta de reconhecimento com as personalidades da cultura local.

Carlos era um deles. Foi um padre atuante na paróquia da Trindade, dividindo seu tempo entre seu ofício religioso e múltiplas atividades paralelas, incluindo serviço social. Ao abandonar a batina já possuía uma longa carreira como professor, pensador e escritor de rara erudição entre nós, além de animador e organizador da cultura. Participou da criação da Universidade do Estado do Pará (PINTO, 2015, p.15-16).

Grande conhecedor de artes e poesia agregava amigos intelectuais e músicos em saraus promovidos em seu apartamento no bairro de Nazaré, em Belém, aos quais comparecia o amigo Maiolino Miranda. Como curiosidade, O Padre Carlos celebrou o Casamento de Maiolino e Rosa, em 1969.

Roberto de La Rocque Soares conheceu o psiquiatra Maiolino Miranda durante uma crise depressiva, por ocasião da realização do Curso de especialização em Restauro (1974). Desde então se tornaram amigos próximos, conversando sobre temas da vida e da arte. Maiolino admirava intensamente a obra de La Rocque, tendo em seu acervo um número expressivo de obras do artista. Nascido em Belém do Pará no dia 28 de outubro de 1924, diplomou-se inicialmente

em Engenharia Civil, pela Escola de Engenharia do Pará, em 1949 e, com a implantação do curso de arquitetura em 1964, La Rocque pode se formar como arquiteto na primeira turma do curso, em 1966.

Exímio desenhista e produtor de caricaturas, que chegou a publicar sob a alcunha de "Comprido", destacou-se pela humildade e dedicação aos estudos cristãos. Cultivava a curiosidade pelos detalhes, tanto da vida quanto da Arquitetura e da ciência da construção, e tinha admiração pela sabedoria japonesa, chegando a estudar a língua e a cultura deste povo, da qual aproveitou a técnica do sumiê em suas últimas obras.

Ingressou no Magistério superior na Universidade Federal do Pará como professor Auxiliar, onde ministrou as disciplinas Desenho a mão livre na Escola de Engenharia, Desenho e Plástica I a IV e Introdução à Arquitetura e Teoria da Arquitetura (de 1967 a 1985) no Curso de Arquitetura. Como artista plástico, La Rocque foi pioneiro no Abstracionismo paraense e destacado aquarelista, embora circulasse pelas técnicas do óleo, colagem, gravura, escultura em madeira, gesso e pedra, entre outras.

Homem introspectivo, de caráter marcante, buscava inspiração na harmonia da cultura oriental, na meditação, na parapsicologia e na religião católica, de modo a fazer convergir um universo múltiplo e único, capaz de revelar inovação e sensibilidade (MIRANDA *et. al.*, 2017). Embora não figure no acervo Miranda, uma obra é especialmente significativa do sentimento religioso que o artista nutria: as mãos em gesso, que relembram o sofrimento e agonia do Cristo crucificado (Figura 2).

**Figura 2 - Alto-relevo em gesso.**



**Fonte: Acervo Elza Soares (1987). Fotografia: Vithoria Silva.**

### **3. MAIOLINO MIRANDA: PSIQUIATRA QUE AMAVA AS ARTES**

Maiolino de Castro Miranda nasceu em Belém em 16 de maio de 1935, graduou-se médico pela Universidade Federal do Pará (UFPA) em 1960 e em Ciências Sociais pela mesma universidade, em 1967. Esta última formação contribuiu para o olhar “mais aguçado” do psiquiatra em relação à questão social dos doentes mentais. Em sua atividade profissional, o médico psiquiatra passou por instituições como o Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira (HJM), Fundação Pestalozzi do Pará, Sanatório Barros Barreto, Centro de Saúde Oswaldo Cruz, entre outras, além de ter sido professor do curso de Psicologia da UFPA<sup>7</sup>.

Dentre os principais assuntos de interesse do psiquiatra estão a psiquiatria, psicologia, filosofia, sociologia, artes e o cinema. Assim, a cada atividade profissional e acadêmica, o médico aplicava seus conhecimentos de outras áreas, a exemplo do artigo publicado no Boletim do Centro de Estudos do Hospital Juliano Moreira (HJM), no ano de 1968, cujo tema aborda uma experiência com um paciente crônico durante um passeio, desenvolvendo uma das atividades preferidas do médico: ir ao cinema.

Da amplitude de seus interesses se impregnava sua prática profissional humanizada, dentre elas menciona-se o curso de técnicas psicoterápicas, realizado no Rio de Janeiro em meados de 1966, na Escola de Pós-graduação médica Carlos Chagas, durante o qual teve contato com o trabalho de Nise da Silveira (GODINHO, MIRANDA, 2018). Esta formação foi replicada a funcionários do hospital psiquiátrico de Belém, bem como adotada em experiências valiosas com os pacientes do HJM.

Dois anos mais tarde, assumiu o cargo de chefe do Serviço de Praxiterapia do mesmo hospital e coordenando as atividades, introduziu técnicas alternativas no tratamento dos pacientes, a partir do serviço de terapia ocupacional, baseado nos estudos de Nise da Silveira.

Um dos grandes momentos que proporcionou a consolidação da prática clínica com a pesquisa psiquiátrica em Belém repousa sobre a fundação do Centro de Estudos do HJM. Segundo Maiolino, o Centro de Estudos fez parte de uma renovação da psiquiatria paraense e da assistência ao doente mental, vista principalmente através da mudança no modo de olhar o doente mental, não mais como indigente e sim respeitando cada identidade pessoal.

Além disso, os boletins divulgados pelo centro de estudos fortificavam e traziam conhecimentos científicos para toda a comunidade com base nas técnicas terapêuticas desenvolvidas no hospital, como a introdução de técnicas de pintura, a prática da grupoterapia, passeios em balneários, cinemas, dentre outros. Em notas a respeito da Terapia Ocupacional, ele demonstra sua ligação com os estudos de Nise da Silveira e com os preceitos espirituais de Barahona Fernandes, concluindo que a Terapêutica Ocupacional:

Aplicada a doentes mentais nos moldes aqui propostos, isto é, concebida em termos de compreensão psico-dinâmica da personalidade, constitui privilegiado método de recuperação do doente mental, embora, nem sempre, seus resultados mais profundos sejam passíveis de demonstração estatística (BOLETIM, 1967, p. 15).

Entre 1976 e 1978, Maiolino volta para o Rio de Janeiro para a Residência Médica e inicia também o mestrado em Psiquiatria Clínica e Social na UFRJ<sup>8</sup>. Em carta de exposição de motivos direcionada ao Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), órgão onde o médico trabalhava na época, a formação é vista como importante para o controle da doença mental através de medidas de caráter profilático, indicando assim, sua posição em defesa da saúde mental da sociedade na totalidade<sup>9</sup>. A sociedade, por sua vez, detém uma maior ênfase durante o mestrado, estudada por meio de disciplinas como sociologia urbana, teoria social e ordem política, educação e mobilidade social, além de sociologia da saúde mental<sup>10</sup>, tema aprofundado em seu projeto da dissertação, que acabara não sendo finalizada.

No decorrer do curso, o orientador faleceu e o Arquivo do Hospital Juliano Moreira, onde seriam consultados os Boletins e estatísticas dos pacientes foi incendiado, impactando negativamente na pesquisa documental a ser empreendida. Ademais, a necessidade de retornar às atividades profissionais em Belém também contribuiu para a não conclusão da dissertação.

Na prática, a terapia ocupacional deixou testemunhos memoráveis na vida do psiquiatra, pois em seu acervo pessoal constam desenhos, poesias e obras de arte de autoria de pacientes. Além disso, deste período é possível transcrever diversos episódios peculiares ocorridos entre o médico e pacientes, abordados mais adiante.

A arte interligada à psiquiatria no Brasil teve seu desenvolvimento com Nise da Silveira, baseada nos estudos de Jung, cujo objetivo principal seria diagnosticar o estado da doença em determinado paciente através de suas produções artísticas. Euripedes Gomes Junior (2017) cita os estudos de Nise da Silveira no que concerne à interpretação dos temas apresentados nas produções artísticas dos pacientes, a exemplo da presença do geometrismo, que deveria

ser considerado o resultado de tentativas de reestabelecimento e recuperação.

Dentre os pacientes com os quais o psiquiatra conviveu, sempre dedicou imenso carinho aos artistas, destacando-se Eduardo Falesi (1934-1976), paciente diagnosticado com esquizofrenia e tratado por Maiolino Miranda durante alguns anos, até o início de seu mestrado no Rio de Janeiro (1976), motivo pelo qual Falesi precisou continuar o tratamento com outro psiquiatra. Dentre as obras encontradas no acervo pessoal de Maiolino, algumas poesias dedicadas pelo paciente ao médico demonstravam seus sentimentos fraternais (Figura 3).

Eu sou uma ovelha  
Uma ovelha que parte longínqua  
E o Pastor que me busca  
Nas matas e margens de rios.

Que vejo quando estou distante?  
A mata que arde o homem?  
No carnaval, que, quando estou próximo,  
Balança a cidade perene.

Sou a ovelha que desgarrar  
Presa ao Pastor, fugida  
E lambrega de lágrimas  
Pela alegria da vida.

Que mais quero do meu pasto?  
Quando cajado me toca  
Na liberdade da razão inculta  
Na lavada do rebanho cizânico.

Onde está esta alegria?  
De viver em lágrimas e gargalhadas na distância  
De amar todas as coisas em bom proveito  
Na carne do corpo que é minha fama

Nem sei para onde vou  
É o bastão do Pastor que me dá a dor  
E a alegria de vivermos no AMOR

Sou ovelha e sou rebanho  
Que alucina ao encanto  
Onde há pastagem da hora canto

E em ver sozinho junto,  
De tantos marginais que encontro  
Que dirá a árvore que nos vê ao comum

Ação comunicada da vida em pranto.

O Pastor me assossega na alegria  
e me acalenta da tristeza  
E me dá toda forma da vida  
Que mantém debaixo de sua vara.

Quem alouca meus passos  
Que, como quadrúpede vou andando  
Sem guia e mestre, despojado  
Da manta, ao fim da noite que aparece.

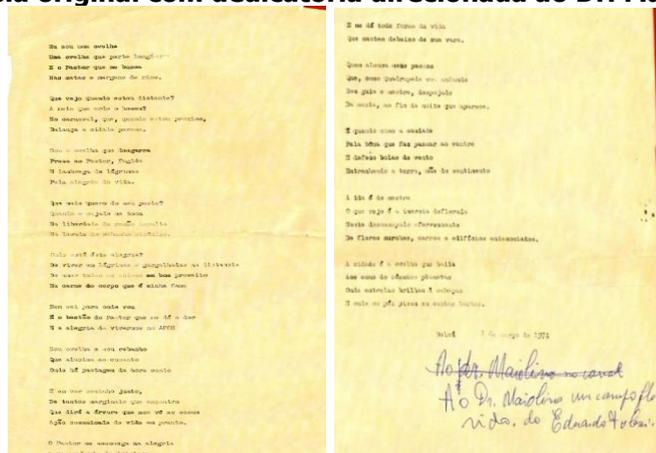
É quando como a saudade  
Pela boca que faz passar ao ventre  
E defeco bolas de vento  
Entranhando a terra, mãe do sentimento

A ida é do mestre  
O que vejo é a inércia deflorada  
Neste descampado efervescente  
De flores murchas, carros e edifícios endemoniados.

A cidade é a ovelha que baila  
Aos sons do cósmico planeta  
Onde estrelas brilham à cabeças  
E onde os pés pisam em santas bostas.

Belém, 1 de março de 1974  
[Ao Dr. Maiolino um campo florido. Do Eduardo Falesi]

**Figura 3 - Poesia original com dedicatória direcionada ao Dr. Maiolino Miranda.**



**Fonte: Acervo Maiolino Miranda (1974).**

#### **4. FALESI: O HOMEM-CRISTO FRAGMENTADO**

Eduardo Falesi nasceu em 6 de março de 1934, e faleceu com 42 anos. Eram 7 irmãos: Josephina, Lidia, Hilda, Domênico, Ítalo, Eduardo e Silvana. Membro

de uma família de migrantes italianos que se destacaram no circuito comercial de Belém, foi reconhecido como artista, especialmente nas artes visuais e na música. Ingressou no Seminário a fim de seguir o sacerdócio, intento que não se concretizou por conta de intensos combates íntimos quanto à sua vocação. Nas obras de Falesi, a temática religiosa cristã é muito presente, como se vê no desenho e na pintura das Figuras 4 e 5.

**Figura 4 e 5 - Cristo com a Coroa de espinhos e Santíssima Trindade.**



**Fonte: Acervo Domênico Falesi (s.d).**

A família Falesi é originária da Calábria, tendo se trasladado a Belém em 1896, com o patriarca Domenico Falesi, proprietário de uma alfaiataria na Rua João Alfredo, inaugurada em 1899 (EMMI, 2007). Em 26 de junho de 1967, Eduardo expôs seus desenhos no Centro Cultural Brasil Estados Unidos, em meio a um recital de piano, onde interpretou composições de sua autoria em conjunto com compositores modernos como Cesar Frank.

A crítica apresentada por Francisco de Paulo Mendes exalta um artista cujo tumulto interior parece ceder, o que seria visualizado em obras nas quais os seres humanos não são mais solitários, mas representam gestos de afeto e comunicação, “nesses desenhos os seres levitam, voam, fazem acrobacias e locomovem-se pelo espaço, como imantados por um ponto comum que os unirá, um ponto luminoso de amor onde acharão a plenitude da vida”. São

criaturas humildes das quais se percebe um profundo lirismo, diz o crítico (A PROVÍNCIA DO PARÁ. 1967. p. 3).

No dia 29 de junho de 1966, em comemoração ao dia de São Pedro, o cônego Nelson Soares organizou uma programação da Igreja de Santana, que contemplou um recital do pianista Falesi, às 21 horas, do qual o jornal anuncia ser prestigiado pelo 'mundo social paraense', cujo programa constou de Sonata de Brahms e Prokofief, Valsa Metafísica de Kodar e duas Invenções, n.º 8 e 9, de autoria do próprio Falesi. Os ingressos foram vendidos em lojas como Cosmorama, Fábrica Palmeira e Odalisca Modas e Perfumarias (A Província do Pará, 28 jun. 1966. p. 3) (Figuras 6 e 7).

**Figura 6 e 7 - Eduardo Falesi em dois momentos: pintando e num recital de piano.**



**Fonte: Acervo família Falesi (s.d).**

Falesi é citado no Dicionário das Artes Plásticas no Brasil como pintor, referindo sua participação nos Salões de Artes Plásticas da Amazônia em 1963 e 1965, sendo homenageado com o nome da Casa da Música do SESC Pará (PONTUAL, 1969). Porém, hoje poucos lembram da sua existência. Em 1998, o Salão Arte Pará com o tema A ceia do milênio, teve como artista convidado *in memoriam*, Eduardo Falesi, com a curadoria de Claudio de La Rocque Leal. No texto de apresentação da obra, uma ceia colorida com personagens sem fisionomia, a obra de Falesi é enquadrada como surrealista, e se aproxima do pintor paraense Ismael Nery (SALÃO ARTE PARÁ, 1998). Segundo a perspectiva junguiana, os rostos sem definição representam o homem sem consciência (JUNG, 2019). A Ceia integra o acervo da família Avertano Rocha, hoje de propriedade

da professora Nelly Cecilia Avertano Rocha.

O próprio Falesi se aproxima de Cristo, por seu comportamento incômodo e empático com os desvalidos, várias histórias circulam sobre o dinheiro que teria dado a mendigas, de levar moradores de rua para cear no Natal à casa de amigos intelectuais, da atitude de purificação ao pedir para tomar banho em casa de conhecidos. Ou até o ato infantil de recolher-se em suas camas, para um sono tranquilo. Segundo relatos da família, Eduardo manifestou crises esquizofrênicas a partir do falecimento de sua mãe, quando este tinha 17 anos<sup>11</sup>.

Em conversa com o Dr. Octavio Avertano Rocha, colecionador de arte, advogado e acadêmico da Academia Paraense de Letras, falou-se sobre Eduardo Falesi. Suas palavras para descrevê-lo foram: pessoa extraordinariamente boa, mas com relacionamento difícil quando em crise; bela estampa, cativante. Avertano afirma ter frequentado a galeria onde o artista expunha seus quadros em um salão ao lado da perfumaria Odalisca, propriedade de seu irmão Domênico, na rua 13 de maio. Relata ter acompanhado os últimos momentos do artista, num hospital psiquiátrico onde fora internado (Casa Transitória).

Comenta que Falesi viveu grandes problemas durante sua fase de seminarista, em face a dilemas de ordem pessoal. Conheceu o artista em casa do filósofo Benedito Nunes, depois que voltou a Belém (final dos anos 50). Neste período, Avertano construiu sua casa na Rua Barão de Mamoré, na qual Eduardo pintou um mural com o tema Fruto do Pecado original, com Adão e Eva nus e a árvore representada por um açazeiro. Segundo Dr. Avertano, esta obra foi fotografada para uma matéria do jornal O Liberal sobre o artista, tendo sido inovadora na técnica de aplicar graxa de sapato nas cores verde, marrom e preto, com incisões feitas a canivete.

Recebia Eduardo em seu escritório, onde ele ia pedir dinheiro para pequenos

gastos, como a compra de cigarros. Lembrou de uma série de gravuras que representavam a 'noite paraense' com cenas pornográficas da boemia de Belém. A série completa foi adquirida pelo cônego Ápio Campos e hoje não se sabe o destino das obras<sup>12</sup>.

Segundo a filha de Avertano, Isadora, Falesi é um artista muito sensível, sendo particularmente destacada a cor amarelo, que a levou a associar à loucura. A escritora e advogada possui obras em tela e em tapeçaria de autoria do artista, que oscilam entre o figurativo de uma natureza morta e figura humana, a obras de intenso caráter catártico. Porém, a predileção cromática pode ter outras explicações científicas. Segundo reportagem da BBC News Brasil, Raúl Rivas González, professor de Microbiologia da Universidade de Salamanca, aponta aspectos que podem ocasionar mudanças no colorido das obras de artistas como Van Gogh, quais sejam o amarelamento sofrido pelo verniz com o envelhecimento ou mesmo a degradação do pigmento. Tendo como exemplo a obra Girassóis, na qual o artista usou o amarelo cromado, cor que teve sua predileção, o professor comenta que esta pode estar associada a uma contaminação por dedaleira (*Digitalis purpurea*), utilizada na época de Van Gogh para tratar crises maniáco-depressivas. Explica González (2020):

Pacientes que consumiram essa substância em excesso desenvolveram xantopsia, uma doença que alterava a percepção das cores de quem foi afetado por ela. Eles tendiam a ver objetos com tonalidade amarelada. Nessa perspectiva, Van Gogh via o mundo através de um filtro amarelo causado pelo remédio que consumia. E assim o pintor transferiu apenas os tons que observou para as pinturas (GONZÁLEZ, 2020, p. ?).

A intensa religiosidade de Falesi entrava em contradição com suas pulsões emocionais, produzindo uma fragmentação do sujeito, sendo exposta projetivamente na tapeçaria do Cristo. Nesta obra, Falesi representa a figura esguia de Cristo, em cuja face se divisa claramente a cruz da paixão. Esta produz a divisão das duas faces, o Cristo divindade feita humano, sofredor da morte e, na outra face, o Cristo ressuscitado. As cores do fundo, trazem um

vermelho do sangue ao preto da morte/escurecimento/renascimento. Os cabelos escuros tornam-se brancos, como que ofuscados pela luz do espírito santo (Figura 8).

**Figura 8 - Cristo de duas faces.**



**Fonte: Acervo autora, Eduardo Falesi (1964). Fotografia: Vithoria Silva.**

Em outras obras, Cristo também é representado, talvez como uma identidade do próprio autor, incompreendido pela sociedade. Durante as crises, produzia movimentos circulares citando a passagem bíblica “Não dai pérolas aos porcos” encontrada no livro de Mateus capítulo 7 versículo 6, e cujo círculo significa um processo de reintegração da personalidade (Figura 9). Conforme Jung, o ‘aproximar-se circundando ou circumbulatio exprime a ideia de circulação’. A delimitação do círculo simboliza a delimitação de uma área sagrada, por um lado, e a fixação e concentração. Assim, psicologicamente significa “mover-se em círculo em torno de si mesmo”, de modo que todos os lados da personalidade sejam envolvidos” (JUNG e WILHELM, 1983, p. 41). Há alternância entre luz e sombra, e todos os lados da personalidade são envolvidos.

**Figura 9 - Cristo.**



**Fonte: Acervo Maiolino Miranda (s.d.). Fotografia: Vithoria Silva.**

As diversas versões de Cristo criadas pelo artista demonstram a busca pela identidade e individuação, expressando conteúdos inconscientes que precisavam ser revelados.

## **5. DO ARQUIVO À EXPERIÊNCIA**

**Figura 10 e 11 - Jesus e São Gregório do Sinai.**



**Fonte: Timea Karkiss (2003); Acervo do Museu Bizantino de Atenas (2017).**

A sobrevivência do Cristo de duas faces ressurgiu nas experiências da arte contemporânea que evocam o sagrado na arte, como pode-se experimentar em 2019, em visita ao Museu Bizantino de Atenas, onde ícones milenares

convivem com expressões contemporâneas de arte sacra. Os múltiplos significados da obra no tempo se renovam na vida e comprovam a visão Junguiana dos arquétipos do homem e da arte como sintoma da sociedade. A reaproximação com os símbolos revela a busca do homem contemporâneo pelo caminho do inominado, da religiosidade inerente ao ser humano, pois todo homem tem um vazio, a ser preenchido por Deus. Diz o sábio José Ferreira, um alfarabista lisboeta muito filósofo, que narrou o ensaio “Memória sagrada nos mistérios da história” à autora em visita à Livraria antiga do Carmo, bem ao estilo dos antigos judeus, que faziam a transmissão oral.

A memória das coisas sagradas deveria ser proclamada de forma solene para impressionar as novas gerações. Houve uma altura em que ficaram uma tarde inteira a ler os feitos do passado e o povo chorava porque eram as suas origens, a sua história, emocionaram-se. Na última refeição de Jesus com os seus apóstolos o que ele disse? Tomai e comei,.... e em seguida: Fazei isso em memória de mim. É um memorial que deve ser repetido para lembrar aquilo que ele fez. Não é um padrão físico, mas é um padrão da memória. Jesus disse aos seus discípulos que regularmente tomassem o pão e o vinho durante a Santa Ceia e fazendo isto em memória de mim, memória da sua morte na Cruz, no Calvário, e na sua ressurreição, na sua ascensão e na sua redenção. Portanto, isto deve estar sempre na memória, ele veio buscar e salvar os que se tinham perdido, e o ato que ele fez para a nossa salvação deve se memorizado, e deve estar sempre presente na nossa mente. Esta é a nova aliança no seu sangue, derramado por nós, portanto a nova aliança, porque havia a antiga aliança feita apenas com um povo, e esta aliança é feita com todos os que creem, e todos os que creem são filhos de Abraão. Com os mesmos privilégios que tinha o povo eleito.

Portanto, o arquivo passa a fazer sentido para a vida quando os traços por ele deixados nos completam a compreensão do presente, quando as reminiscências trazem de volta sentimentos e experiências que conduzem ao presente consciente.

O entendimento da arte como expressão profunda de um estágio mental da sociedade que a propõe imprime um sentido diverso a sua permanência e sobrevivência, pois as obras podem sofrer de um ostracismo temporário para depois renascer quando seus nexos profundos fizerem novamente sentido

para os sujeitos. O Cristo de duas faces emerge como potência reveladora de sujeitos inquietos e fragmentada, em busca da unificação, cuja plenitude se procura no retorno ao sagrado, entendido como cura às almas aflitas.

No decurso da vivência do arquivo pelas pesquisadoras, a memória cumulativa se transmuta em memória habitada, seja pelas reminiscências anteriores, sejam pela releitura de seus objetos que ganham significado ao trazer luz sobre a trajetória de sujeitos esquecidos na sociedade local. As vidas entrelaçadas do psiquiatra Maiolino Miranda, dos artistas Eduardo Falesi e Roberto de La Roque e do professor teólogo Carlos Coimbra incidem sobre a trajetória da tapeçaria que representa o Cristo, obra desconhecida do público, que estaria definitivamente soterrada não fosse o desejo de reatar o nó da memória e visitar este ícone.

## REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, Editora da Unicamp, 2011.

BOLETIM DO CENTRO DE ESTUDOS DO HOSPITAL JULIANO MOREIRA. Ano 1, v.1, n.1. Belém: Falângola, 1967, p. 15.

BRASIL, [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. p. 123. Fonte: disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em 16 out 2020.

COIMBRA, Carlos. **Agonia nas Horas**. Belém: Falângola, 1965.

DUARTE, Cristiane Rose; UGLIONE, Paula. Arquivo e os tribunais da história: memória e desejo na transmissão da cultura. **Revista CPC**, n. 11, p. 136-151, 2011.p. 148.

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony; BOCHNER, Arthur. Autoetnografía: un panorama In: CALVA, Silvia B. (org). **Autoetnografía** – una metodología cualitativa. México: Universidad Autónoma de Aguascalientes, 2019, p. 20.

EMMI, Marília Ferreira. **Raízes italianas no desenvolvimento da Amazônia, 1870-1950**: Pioneirismo econômico e identidade. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

GODINHO, Emanuella Piani; MIRANDA, Cybelle Salvador. Da Instituição Asilar ao Movimento Antimanicomial: a reconstituição da memória do Hospital Juliano Moreira

do Pará. In. MIRANDA, Cybelle Salvador; COSTA, Renato da Gama-Rosa. **Hospitais e Saúde no Oitocentos**: diálogos entre Brasil e Portugal. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2018.

GOMES JUNIOR, Euripedes. Leo Navratil: esquizofrenia e arte. Anais do Seminário Leituras de Imagens: a epistemologia de Nise da Silveira. In. GOMES JUNIOR, Euripedes; GAGLIARDI, Marcia (org.). **Seminário leitura de imagens**: a epistemologia de Nise da Silveira [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Hólos, 1, 2017. p. 7-23. Disponível em <http://museuimagensdoinconsciente.org.br/#historico>. Acesso em 23 ago. 2020.

GONZÁLEZ, Raúl. **Por que Van Gogh usava tanto amarelo em suas pinturas, segundo a ciência**. BBC NEWS BRASIL. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54948162?fbclid=IwAR1pFJhGD-qCQcmA9NjojWcEmANec4QNx7SXIKDnflg-pvLBWvnJQpo723BA>. Acesso em 19 nov. 2020

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019.

JUNG, Carl Gustav; WILHELM, Richard. **O segredo da flor de ouro**: um livro de vida chinês. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 41.

MIRANDA, Cybelle Salvador; CARVALHO, Ronaldo Marques de; COSTA, Laura Caroline; SILVA, Vithoria C. **Como ser moderno e restaurar o antigo**: entendendo o Palácio de Landi hoje. 1. ed. Belém - PA: Cybelle Salvador Miranda, 2017. v. 1. 62 p.

OMIM, Suiá. Pintor ou designer popular: a etnografia de um ofício através do acervo de Edson Meirelles. **Amazônica** – Revista de Antropologia, n. 11, p. 181-215, 2019.

PINTO, Lucio Flavio. Jornal O Pessoal. n. 580, 1ª quinzena, março. p. 15-16, 2015.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, n. 5, p. 200-215, 1992.

PONTUAL, Roberto. **Dicionário das Artes Plásticas no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

SALÃO ARTE PARÁ, 1998. Catálogo. Belém: Fundação Rômulo Maiorana, 1998.  
TRIGO, Maria Ilda. Impurezas de arquivo: prática artística e (re) elaboração de um conceito de arquivo. **Revista Estado da Arte**, n. 1, p. 1-18, 2020.p. 3.

---

**Notas:**

- <sup>1</sup> Ver MIRANDA, Cybelle Salvador. **O cinema é mais real que a vida:** crônicas cinematográficas de Maiolino de Castro Miranda. Curitiba: CRV, 2019.
  - <sup>2</sup> Ver Miranda, Maiolino (1994). Freud e o método científico. **Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas**, Universidade Federal do Pará. v. 13, jan/dez 1994.
  - <sup>3</sup> No original: "Consecuentemente, la autoetnografía es una de las perspectivas que reconocen y dan lugar a la subjetividad, a lo emocional, y a la influencia del investigador en la investigación, en lugar de esconder estas cuestiones o asumir que no existen".
  - <sup>4</sup> Registra-se a participação da Arquiteta, Mestre em Arquitetura e urbanismo Larissa Leal na Catalogação do acervo do Psiquiatra, bem como na digitalização de imagens.
  - <sup>5</sup> Parte destas informações devem-se a convivência íntima da família da autora com os personagens.
  - <sup>6</sup> Ver <https://brinquedoteca-csse.wixsite.com/uepaccse/sobre>. Acesso em 20 nov. 2022.
  - <sup>7</sup> MIRANDA, Maiolino de Castro. Currículo pessoal. Belém, 19--.
  - <sup>8</sup> Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. Programas de mestrado referentes ao 2º semestre de 1977. Rio de Janeiro, 1977.
  - <sup>9</sup> Acervo Maiolino Miranda. Carta de exposição de motivos. Documento datado de 23 de novembro de 1975, e assinado por Maiolino de Castro Miranda e Pedro Vallinoto (Chefe do Serviço Médico do INPS).
  - <sup>10</sup> Acervo Maiolino Miranda. Ementa do curso de mestrado em Psiquiatria Clínica da UFRJ, 19--.
  - <sup>11</sup> Agradeço às informações fornecidas pela professora Lindaura Falesi, e pelas fotos de obras pertencentes à família.
  - <sup>12</sup> Entrevista concedida por telefone em 28 de outubro de 2020.
- 

**SOBRE A AUTORA:****Cybelle Salvador Miranda**

Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará (UFPA). Arquiteta e Urbanista, Doutora em Antropologia, com Pós-doutoramento em História da Arte pela Universidade de Lisboa. Pesquisadora PQ 2 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0001-5913-989X>  
E-mail: [cybelle1974@hotmail.com](mailto:cybelle1974@hotmail.com)

**Artigo recebido em: 22 maio 2023. | Artigo aprovado em: 01 nov. 2023.**